



Estudos de Lingüística Galega

ISSN: 1889-2566

elgilg@usc.es

Universidade de Santiago de Compostela
Espanha

Saraiva Hackerott, Maria Mercedes
Said Ali e a acentuação: primórdios da Linguística no Brasil
Estudos de Lingüística Galega, vol. 3, junio, 2011, pp. 51-64
Universidade de Santiago de Compostela
Santiago de Compostela, Espanha

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305626393010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

[redalyc.org](http://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Said Ali e a acentuação: primórdios da Linguística no Brasil

Maria Mercedes Saraiva Hackerott

Universidade Paulista (Brasil)

ceda.hackerott@uol.com.br

Recibido o 21/07/2010. Aceptado o 21/10/2010

Said Ali and accent: origins of Brazilian linguistics

Resumo

Desde os primeiros artigos publicados na *Revista Brasileira* em 1895, Manuel Said Ali Ida (1860-1953) prioriza o estudo sincrônico da linguagem oral. Para ele, o acento dinâmico (maior intensidade da voz) e o acento musical (altura do som) interferem na significação da oração e evidenciam a interdependência dos níveis: fonético, sintático e semântico. No português, a palavra pronunciada com maior força contém a idéia principal e costuma estar no final da oração. A inversão da ordem ou o deslocamento do acento aguçam a atenção do ouvinte que, pela intonação, identifica a informação nova. A introdução de critérios fonéticos como parâmetros de análise distancia Said Ali da tradição gramatical de sua época, tornando-o precursor da Linguística no Brasil. É objetivo deste trabalho, que segue orientação da Historiografia Linguística, resgatar no estudo de Said Ali sobre a acentuação a emergência de um novo campo de estudo sobre a linguagem.

Palabras chave

Historiografia Linguística, língua portuguesa, fonética, prosódia, Said Ali

Sumario

1. Introdução. 2. "Estudos de Linguística". 3. "A acentuação". 4. A acentuação na "Versificação Portuguesa". 5. A acentuação nas gramáticas de Said Ali. 6. Considerações Finais.

Abstract

Since his first articles in *Revista Brasileira* published in 1895, Manuel Said Ali Ida (1860-1953) gave priority to the synchronic study of the spoken language. He argues that dynamic accent (greater voice intensity) and musical accent (pitch) affect the meaning of the clause and demonstrate the interdependence of the phonetic, syntactic and semantic levels. In Portuguese, the word pronounced with most stress contains the main idea and is usually placed at the end of the clause. A change of word order or stress replacement draws the listener's attention and facilitates the identification of new information by means of intonation. The introduction of phonetic criteria as a parameter of analysis separates Said Ali from the grammatical tradition of his time, making him the precursor of Brazilian linguistics. This essay in Linguistic Historiography seeks to trace in Said Ali's work on accent the emergence of a new field of language study.

Keywords

Linguistic Historiography, Portuguese language, phonetics, prosody, Said Ali

Contents

1. Introduction. 2. "Estudos de Linguística". 3. "A acentuação". 4. Accent in "Versificação Portuguesa". 5. Accent in Said Ali's grammars. 6. Final considerations.

1. INTRODUÇÃO

Ao analisar a dimensão histórica das relações entre Filologia e Linguística, Koerner (1997: 12) observa que, em meados do século XIX, principalmente na Alemanha, é feita a distinção entre esses dois campos. August Schleicher (1821-1868), um dos primeiros a estabelecer tal diferença, verifica em ambas o caráter histórico, mas enquanto a *Philologie* considera a linguagem como um meio para investigar a cultura e o pensamento de um povo, a *Linguistik* ou *Glottik* é uma ciência natural que reconstrói a evolução interna de uma língua baseada em princípios e leis naturais decorrentes das transformações regulares observadas nos hábitos fonéticos espontâneos.

Marca-se como início dos estudos de Linguística em Portugal, a publicação de *A Lingua Portuguesa - Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe* (1868) de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919) por aplicar ao Português as lições de Friedrich Diez (1794-1876). Em 1878, Adolfo Coelho assumiu a cadeira de Linguística Geral Indo-européia e Especial Românica no Curso Superior de Letras em Lisboa e dois anos depois, publicou *A Lingua Portuguesa - Noções de Glottologia Geral e Especial Portuguesa* (1881). Nessa obra, o autor difere Glottologia de Filologia, nos seguintes termos:

Glottologia é a sciencia que tem por objecto a expressão do pensamento por meio de signaes e especialmente por meio de movimentos acústicos (glottica); a glottologia em sentido estricto é por isso a sciencia da linguagem propriamente dicta. [...] Philologia propriamente dicta é o conjuncto de conhecimentos que se referem à litteratura d'um ou mais povos e à língua que serve de instrumento a essa litteratura, consideradas principalmente como a mais completa manifestação do espírito d'esse povo ou d'esses povos (Coelho [1881]1887: 10).

No Brasil, tem sido recorrente considerar a década de 1960 como período inaugural da Linguística. Naro (1976: 85) considera Joaquim Mattoso Camara Jr (1904-1970) o primeiro linguista brasileiro e a ele atribui o epíteto “pai da linguística”. Para Coelho (1998: 28), essa datação deve-se à ampla visibilidade dos estudos filológicos nos cursos de Letras fundados no Brasil durante a década de 1930. Filologia era a disciplina que tratava da literatura, das variações regionais e principalmente dos dados das línguas por meio de um enfoque predominantemente diacrônico. Somente na segunda metade do século XX, a Linguística Brasileira ganha prestígio nos círculos acadêmicos e é institucionalizada como disciplina.

Segundo Murray (1994), o reconhecimento e o consequente sucesso de um novo campo de estudo decorre de um processo onde se observam cinco estágios: (1) o “estágio normal” em que são estabelecidas relações informais entre pesquisadores de diferentes instituições; (2) o “estágio de formação de grupo” em que a liderança de um pesquisador congrega ao redor dele estudantes; (3) o estágio de formação do “cluster” em que os cientistas do grupo se tornam auto-conscientes, estabelecem padrões de comunicação, o grupo ganha visibilidade e as críticas atribuídas a eles sinalizam o sucesso do grupo, pois mostram que estão sendo lidos e comentados; (4) o “estágio de especialização” no qual se verifica a institucionalização do cluster, que passa a ter organização formal; (5) o “estágio acadêmico” em cujo reconhecimento do sucesso do novo campo de estudo, passa a ser considerado “ciência normal”.

Ao analisar a concorrência dos campos da Linguística e da Filologia no Brasil entre as décadas de 1940 e 1960, Coelho (1999: 56-57) mostra que o predomínio da Filologia frente à Linguística deveu-se, em grande parte, à ausência da “cátedra” de Linguística nas universidades brasileiras, inviabilizando, na época, os estágios 4 e 5 que dariam à Linguística autonomia enquanto campo de estudo.

Apesar da tardia institucionalização da disciplina Linguística, não se pode negar que desde o final do século XIX os estudos linguísticos já eram reconhecidos e praticados por pesquisadores brasileiros. Em 1895, Manuel Said Ali da Costa (1860-1953) escreveu três artigos na *Revista Brasileira* sob o título de “Estudos de Linguística” (cf. Apêndice: Cronologia das obras de Said Ali). Estes artigos foram reeditados em *Dificuldades da Língua Portuguesa* (1908) e retomados na redação das gramáticas: elementar, secundária e histórica. O resgate destes artigos e principalmente do que leva o subtítulo “A acentuação” torna-se relevante, pois é por meio deles que Said Ali se apercebe como protagonista de um novo programa de investigação autônomo no qual o objeto e a metodologia de análise estão bem definidos e divergem da tradição gramatical brasileira na época, inaugurando uma nova tradição de estudos sobre a linguagem: a Linguística. Tentar mostrar como se processou esta mudança de tradição é o objetivo deste trabalho que segue orientação da Historiografia da Linguística.

2. “ESTUDOS DE LINGUISTICA”

Periódico da Academia Brasileira de Letras, a *Revista Brasileira*, sempre contou com o prestígio de seus colaboradores que eram ou acadêmicos consagrados ou intelectuais renomados. Said Ali escreveu cinco artigos nessa revista durante a direção de José Veríssimo (1895 a 1898). Nos três primeiros artigos, publicados em 1895 com o nome de “Estudos de Linguística”, Said Ali adverte quanto ao novo referencial teórico por ele adotado. O primeiro artigo (1895a) trata de “Verbos sem sujeito – segundo publicações recentes”. Na ocasião, esse tema era explicado pela teoria da elipse inicialmente proposta por Sánchez de las Brozas (1523-1600) na *Minerva: Seu De Causis Linguae Latinae* (1587) e bastante difundida no século XIX pelos adeptos da gramática filosófica.

As dificuldades na analyse desses casos [verbos impessoais que exprimem fenômenos da natureza; orações existenciais com verbo haver; orações com verbo acompanhado de reflexivo para indicar um agente indeterminado] nascem entre nós não dos factos em si, mas por estarmos sempre propensos a subordinar e amoldar á força os factos reaes a certas doutrinas tradicionaes estabelecidas *a priori*. Em vez de aceitarmos os phenomenos linguisticos taes quaes se apresentam, andamos geralmente a procurar fóra da linguagem um termo reclamado por um principio aprioristico, fingindo portanto um sujeito, ou então substituindo uma frase por outra, linguisticamente differente, em vez de analysar a primeira, analysamos a segunda. Em outras palavras: nós não analysamos: sophisamos a analyse (Said Ali 1895a: 41).

Para romper com a tradição da gramática filosófica que, na língua portuguesa, seguia as orientações de Jerônimo Soares Barbosa (1737-1816), Said Ali fundamenta sua análise nos trabalhos dos neogramáticos que, na Europa, já eram reconhecidos enquanto escola teórica.

Convidado por K. Brugmann para escrever a syntaxe da grammatica comparativa das linguas indogermanicas, essa obra colossal que dá uma nova orientação á toda a lingüística, Delbrück em 1893 accentúa de novo o facto de existirem verbos sem sujeito e sustenta que nas linguas modernas encontramos varios exemplos, onde a analyse, isto é, a analyse positiva e scientifica, não consegue descobrir mais que um unico termo (Said Ali 1895a: 40).

No segundo artigo (1895b), “A collocação dos pronomes pessoaes – na linguagem corrente”, Said Ali diferencia sintaticamente o português europeu do brasileiro. Neste estudo, o autor se posiciona metodologicamente contrário aos puristas, que tinham por critério de análise apenas

a autoridade dos clássicos. Essa polêmica ilustra bem a noção de clima de opinião e a complexa rede de relações que envolve os agentes de teorias concorrentes. O intelectual não é um agente isolado, ele necessariamente interage tanto com os colegas de mesma formação quanto de formação divergente. Assim, as ideias linguísticas defendidas por Said Ali estão em interação com um contexto sócio-cultural e político do qual ele faz parte e sua produção científica não é nem neutra, nem isolada, nem autônoma em relação ao contexto de emergência.

Antes de entrar na analyse do assumpto, cumpre-me declarar que a questão da collocação dos pronomes foi tambem estudada pelo sempre choroadado Baptista Caetano, pelo Dr. Paranhos da Silva, pelo Sr. João Ribeiro e outros, em cujos trabalhos se nota mais largueza de vista do que nos escriptos dos grammaticos puristas (Said Ali 1895b: 302).

No terceiro artigo (1895c), “A accentuação – segundo publicações recentes”, Said Ali introduz um novo referencial teórico desconhecido no Brasil, mas já reconhecido na Europa.

Para o estudo da accentuação nenhum grammatico nosso aproveitou alguma cousa do copiosissimo material de merecimento scientifico destes ultimos cinco ou dez annos, material esse que se encontra na monumental obra de Sievers, a qual serviu de introdução ao estudo da phonologia das linguas indo-européas; no capitulo sobre accentuação da grammatica comparada de Bruggmann; nos trabalhos magistraes de Sweet, de Storm, de Passy, de Victor Henry e muitissimos outros.

É sobre estas obras que assenta o presente estudo na sua parte geral. As observações que apresento relativamente á accentuação na nossa lingua referem-se sómente á linguagem natural, áquella que habitualmente empregamos quando transmitimos os nossos pensamentos (Said Ali 1895c: 165-166).

No início do século XIX, nota-se o aumento do interesse pela fonética que passa a ter uma abordagem articulatória, diferente da tradição acústica das gramáticas greco-latinas. Tal abordagem propicia, entre as décadas de 1850 e 1870, o desenvolvimento de estudos biológicos e físicos sobre a produção da fala humana. Camara Jr (1975: 82) considera o trabalho de Eduard Sievers *Fundamentos da Fisiologia Vocal* (Grundzüge der Lautphysiologie, 1876) marco inaugural da disciplina fonética, pois separa-a da fisiologia e coloca-a “*sob do mínio da lingüística*”.

Os três artigos intitulados “Estudos de Linguística” foram recompilados nas *Dificuldades da Língua Portuguesa*. No prefácio da segunda edição de 1919, Said Ali adverte que a sua maneira de tratar os dados da língua divergia da usualmente adotada nos tratados gramaticais e se assemelhava aos trabalhos de Ferdinand de Saussure (1857-1913).

Pude assim colhêr resultados que dão regular idéia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente, de onde se vê a razão de certas dicções duplas, coexistentes ora e ora sucessivas, fontes, muitas vêzes, de renhidas e fúteis controvérsias. Nesses fatos encontraria F. de Saussure, creio eu, matéria bastante com que reforçar as suas luminosas apreciações sôbre linguística sincrônica e linguística diacrônica (Said Ali, [1919] 1957: xvii).

É consenso considerar o *Curso de Lingüística Geral*, publicado em 1916 por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir das conferências proferidas entre 1906 e 1909 por Saussure como obra inaugural da linguística contemporânea. Não se pode negar o conhecimento dessa fonte de referência e a adesão de Said Ali a essa nova tradição que se institucionalizava na Europa.

Said Ali apresenta o papel do linguista a partir da delimitação de seu campo de atuação “*a linguística é uma sciencia de observação e, como tal, limita-se a registrar os factos*” (Said Ali, 1895a: 43). Assim, ele se opõe à prática normativa dos gramáticos puristas de eleger certas formas linguísticas como corretas em detrimento de outras. Também discorda dos estudiosos da época que limitavam o *corpus* de análise a textos literários. Para ele, os fatos linguísticos deviam ser observados e recolhidos na linguagem corrente.

Para estudar o phenomeno convenientemente, torna-se necessario proceder com methodo, e não é colleccionando sem ordem exemplos de autores de epocas diversas, que havemos de chegar ao resultado; porque a lingua não se conserva a mesma em todos os tempos. O mais acertado será começar a investigação por phase conhecida, isto é, a linguagem hodierna; que, si o phenomeno for devido á pronuncia, mais facilmente se observará no idioma vivo de hoje do que nas obras de autores dos seculos idos, nas quaes a linguagem talvez não esteja isenta de affectações (Said Ali 1895b: 306).

Para Said Ali, a língua é ao mesmo tempo individual, ao ser a expressão da inteligência humana, e social, ao representar a cultura do povo que a fala. Para ele, a língua se manifesta pelos vocábulos e esses têm dois aspectos a serem observados: forma e significado.

Na sciencia da linguagem todas as vezes que queremos dirigir a nossa atenção para uma palavra qualquer, temos duas cousas bem distinctas a considerar: 1º um som ou agrupamento de sons; 2º a ideia ou significação da palavra. É como si dissessemos: os vocabulos são como seres vivos: possuem uma parte material ou corpo, e uma parte vital, que se póde chamar o espirito ou alma. Uma e outra cousa estão sujeitas a transformações, mas as alterações que em virtude de certas leis physiologicas soffre o corpo do vocabulo, quer seja d’uma época para outra, quer seja d’uma para outra região, podem ser, e o são quase sempre, absolutamente independentes das alterações que por effeito das leis de ordem psychologicas soffre nas mesmas condições de mudança de tempo e de espaço a alma da palavra (Said Ali, 1895a: 43-44).

3. “A ACENTUAÇÃO”

A preocupação de Said Ali com os hábitos de pronúncia, enquanto objeto de análise, se observa principalmente no terceiro “Estudos de Linguística” (1895c). Este artigo está organizado em quatro partes: na primeira, apresenta os autores que tratam do tema; na segunda, define acentuação; na terceira, analisa a acentuação dinâmica e mostra que o acento forte está localizado no final da oração; e na última parte, mostra que o acento forte representa a ideia principal quer da oração, quer em um grupo de palavras.

Said Ali diferencia o acento ortográfico do acento fonológico: enquanto o primeiro é convencionalizado e varia de língua para língua marcando ora a intensidade ora a abertura ou o fechamento da vogal, o acento fonológico assinala a ocorrência da variação na intensidade da voz (acentos dinâmicos) bem como a altura do som (acentos musicais). No Português, o acento é essencialmente dinâmico mas há ocorrência do acento musical na linguagem emocional e na alteração do sentido da frase ao se fazer uma interrogação ou exclamação.

Os accentos, isto é, os sinaes diacriticos ou notações lexicas, collocados sobre as vogaes, servem unica e exclusivamente para indicar que certo som se destaca pela pronuncia dentre os demais sons visinhos. Acusticamente esta saliencia pode ser produzida quer pela maior intensidade, quer pela elevação da

voz, e observa-se nas syllabas, nos vocabulos e nas proposições. D'ahi a divisão em *accento syllabico*, *vocabular* e *oracional* (Said Ali 1895c: 166-167).

No nível da sílaba, entendida de acordo com a definição de Karl Brugmann (1849-1919), como um grupo de sons produzido em um impulso expiratório independente, o elemento que se destaca é a soante e é sobre ela que recai o acento. No vocábulo polissilábico, há tantos acentos silábicos quanto números de sílabas. Porém, a sílaba tônica é a que se destaca pela pronúncia e as demais são secundárias havendo, gradação entre elas. Said Ali distingue três graus de acentuação: acento principal, acento secundário e ausência de acento.

Mas o vocabulo não se costuma empregar isoladamente; constitue geralmente o membro de uma oração, a qual tanto nas suas relações phoneticas como nas syntacticas constitue uma unidade completa. Ora nesse todo ha por sua vez palavras pronunciadas umas com mais força, ou com voz mais elevada, outras mais fracamente, ou com voz mais baixa. No exemplo *o homem é mortal* facilmente se perceberá que os vocábulos *homem* e *mortal* são pronunciados com mais força do que as palavras *o* e *é*; ainda mais, a accetuação do predicado é mais forte do que a do sujeito, e, das duas palavras fracas, o artigo *sôa* mais fracamente do que o verbo *é*. Assim pois, a accentuação oracional é o característico relativo de todas as palavras que constituem a oração (Said Ali 1895c: 167).

No nível da oração, a palavra forte tem o acento principal, a palavra semiforte tem o acento secundário e a palavra fraca apresenta ausência de acento, podendo ser enclítica ou proclítica, conforme a posição em que se encosta no vocábulo forte.

Said Ali observou que, no português, o acento principal assinala a ideia principal e costuma estar na última palavra tanto de orações como “eu quero” e “João quer” como de sequências de palavras, cujo sentido varia conforme a posição relativa da última palavra: “homem pobre” e “pobre homem” “certa notícia” e “notícia certa” ou ainda em orações como: “eu lhe digo” ou “digo-lhe eu”, em que a ideia principal está no verbo “digo” no primeiro exemplo e no sujeito “eu” no segundo exemplo.

Uma oração longa é formada por vários grupos fonéticos separados por ligeira pausa.

Essas combinações e outras analogas, constituem grupos phoneticos que se pronunciam geralmente como si os vocabulos estivessem ligados; e uma oração um tanto longa é formada de varios desses grupos separados entre si por ligeira pausa, como se pode ver neste caso: eu espero – que tu venhas – sem falta – á nossa casa. Neste exemplo notam-se quatro *accents* principaes, que estão na ultima palavra de cada grupo (Said Ali 1895c: 171-172).

Said Ali utiliza a acentuação como critério de análise da colocação das palavras na oração. Em um grupo fonético, a palavra forte contém a ideia mais importante e costuma estar no final: em locuções verbais, o acento principal está no verbo principal e o acento secundário no auxiliar (tens dito, quero ir); o predicado tem acento principal e o verbo ser acento secundário (é rico; foi pobre); o complemento tem acento principal e o verbo secundário (tem dinheiro).

Quando se quer dar ênfase a um vocábulo, que não esteja na última posição, desloca-se o acento como em: “elle não é rico, FOI rico”. Assim também ocorre quando o sujeito gramatical apresenta a ideia nova e o acento é deslocado para o início, o mesmo fenômeno pode ser observado quando a oração inicia ou por um objeto ou por um advérbio enfático.

Esse processo de passar o *accento principal* para o começo da oração, não é no entanto cousa muito facil numa lingua cuja tendencia é fixar o *accento* no fim. É por isso que vulgarmente lançamos mão de

outro recurso, para fazer ver ao interlocutor que é no princípio que se acha a idéia mais proeminente (Said Ali 1895c: 172).

A inversão da ordem causa estranheza e aguça a atenção do ouvinte que, pela acentuação, percebe os termos deslocados como mais importantes. Expressões sintáticas, tidas como supérfluas ou anômalas, são explicadas pela função discursiva de realce que desloca, pela acentuação, o foco de interesse.

Um artifício para evidenciar o sujeito na oração que tem naturalmente o verbo com o acento principal (eu disse) é a divisão desse grupo fonético em dois e, através da pausa gerada com a interposição da expressão “é que”, realça-se o sujeito (eu / é que disse). Outra forma de realçar o sujeito é inseri-lo entre o verbo “ser” conjugado e uma das formas “que” ou “quem” (fui eu / quem disse).

Said Ali encerra o artigo mostrando que um vocábulo semiforte aumenta a sua acentuação pela vizinhança com um vocábulo fraco. Para exemplificar, cita duas formas do pronome interrogativo: *que* e *o que*. Na época, a segunda forma era considerada erro pelos puristas, mas como para Said Ali a função do linguista é investigar os fatos da língua e não a sua aceitação pelas pessoas cultas, evidencia a licitude da forma “o que”.

Evidencia-se isto nos seguintes diálogos: *vou escrever – vais escrever O QUE?* (e não: *vais escrever que?*) *Pedro está pintando – Pintando O QUE?* (e não: *Pedro está pintando que?*) Usamol-a igualmente nas proposições elípticas que se reduzem ao interrogativo, com admiração: *Trago-te um presente – O que? – Um livro. Caiu o ministério – O que?!* Porquanto essas orações assim reduzidas pronunciam-se com accentuação forte.

A contraprova da minha asserção é que, sendo o pronome interrogativo precedido de preposição (palavra proclítica cuja vizinhança faz igualmente aumentar a accentuação), nos casos alludidos basta empregar a forma *que*. *Vais escrever com que? – Com esta penna. Está pintando para que? Para ganhar a vida* (Said Ali 1895c: 174).

A edição dos “Estudos de Linguística” nas *Dificuldades da língua portuguesa* (1908) apresenta algumas alterações em relação à edição da *Revista Bazileira* (1895). Primeiramente, a ordem de exposição dos artigos foi mudada, de forma que o livro inicia com o terceiro artigo sobre acentuação. O título desse artigo também foi mudado para “Fenômenos de Intonação”. Essa modificação ocorreu para evitar a confusão entre a “notação léxica” e o fenômeno linguístico da “acentuação”. Assim, Said Ali ressalta a importância da fonética nos estudos da língua portuguesa. Quanto às modificações ao longo do texto, há um acréscimo feito no final - em que o linguista se coloca partidário de Heráclito Graça e Ernesto Carneiro Ribeiro em oposição a Cândido de Figueiredo e Rui Barbosa, no que tange à legitimidade do emprego da forma interrogativa “o que”. O embate dos puristas aludido por Said Ali, revela o clima de disputa característico do terceiro estágio de Murray (1994).

Em 1903, Heráclito Graça refutou, nos artigos “Notações filológicas” do *Correio da Manhã*, vários postulados das *Lições práticas da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo. Essas refutações foram compiladas no livro *Fatos da Linguagem: esboço crítico de alguns assertos do sr. Candido de Figueiredo* publicado em 1904, no mesmo ano em que a Imprensa Nacional editou a *Réplica* de Rui Barbosa fundamentada na autoridade dos puristas sobre a contenda da redação do Código Civil Brasileiro iniciada em 1902 quando o jurista Clóvis Beviláqua apresentara à Câmara seu Projeto do Código Civil, cuja redação fora revista por Ernesto Carneiro Ribeiro.

4. A ACENTUAÇÃO NA “VERSIFICAÇÃO PORTUGUESA”

Na década de 1930, Said Ali analisa a acentuação no artigo “Versificação Portuguesa” publicado em duas partes na *Revista de Cultura* (cf. Apêndice: Cronologia das obras de Said Ali).

Nesse artigo, Said Ali propõe uma nova maneira para contar o verso na língua portuguesa, levando em consideração as sílabas átonas finais. Essa contagem diferia da prática usual da época que contava somente até a última sílaba tônica. Lembra que a acentuação própria do português é paroxítona diferentemente do francês que é oxítona. Assim, adverte que uma coisa é a contagem de sílaba e outra é a classificação do verso pela tonicidade, sendo verso exdrúxulo o que termina em proparoxítona, agudo o que termina em paroxítona e grave o que termina em oxítona. Dessa forma, Said Ali considera octossílabo *Minha terra tem palmeiras* e decassílabo *Oh guerreiros da taba sagrada*. Quanto às “elisões” discutidas nos tratados de metrificação, reconhece-as como fenômeno de ditongação e tritongação tão recorrente na fala cotidiana: *qual* e *quanto* pronunciam-se da mesma forma que em *do alto* e *prado amplo*; assim como *quae*s e *do aioso*. A reprodução da fala usual na métrica também se verifica nas inserções como em *a-le-gria* (três sílabas) e *a-le-gri-ya* (quatro sílabas) ou hesitações como em *pie-dade* e *pi-e-dade*.

A leitura rythmica do verso permite a ligação das vogaes, embora em palavras separadas por signaes de pontuação. Por outro lado, uma pausa intencional do poeta, não indicada por signal graphico, pode separar vogaes de ordinario unidas, passando estas a funcionar como syllabas ou elementos syllabicos distintos (Said Ali, 1936: 184).

O ritmo é definido como movimento que impressiona pela repetição frequente com intervalos regulares, podendo ser observado, no português, de forma positiva pela repetição com intervalos iguais da sílaba tônica ou de forma negativa pela repetição cadenciada de silêncios, pausas e interrupções. Said Ali nota o movimento rítmico tanto na poesia quanto nas conversações orais.

Não se realiza o movimento rythmico unicamente nas linhas das estrophes. Ao contrario de Mr. Jourdain, devemos reconhecer que fazemos versos todos os dias, a toda hora, sem darmos por isso. A diferença está em que raramente se seguem com o memso número de syllabas, nem se demarcam com as ligeiras pausas do fim das linhas que compõem a estrophe. São versos sem rima, pentasyllabos, hexasyllabos, heptasyllabos etc. Esparsos sem ordem entre a prosa commum (Said Ali, 1936: 187).

Na linguagem oral, as segmentações se apresentam de maneira diferente da escrita, que utiliza os sinais de pontuação e espaços em branco para separar as palavras. Na fala, a determinação das sílabas fortes e fracas depende do acento vocabular, da união das palavras em grupos expiratórios, do acento oracional e da subordinação de uns vocábulos a outros.

Na realidade, a linguagem falada, quer em prosa, quer em verso, não isola as palavras como a escripta. Profere-as sem lhes prejudicar a integridade, nem o rythmo, em grupos expiratórios separados pelas pausas que o sentido e a necessidade de tomar folego requerem (Said Ali, 1936: 189).

Nas palavras que não são nem proclíticas nem enclíticas, há sempre uma sílaba forte em relação às demais. Há também uma variação de grau entre as sílabas fracas distinguindo-as em semiforte e fraca como se observa nos exemplos de Said Ali: *qualidade*, *monumento*, *proporcional*, *tépido*, *magnífico*. Às vezes, a tônica de um vocábulo é enfraquecida quando precede outra de maior realce ou que esteja ligada pelo sentido. Ferreira Netto (2007: 32), ao estudar o acento

na língua portuguesa, recomenda a leitura da *Versificação Portuguesa* de Said Ali, elogiando a atualidade da abordagem temática e a riqueza dos exemplos.

A sensibilidade e o cuidado com que Said Ali tratou da fonética na poesia luso-brasileira também mereceu o reconhecimento de Manuel Bandeira, no prólogo da edição em formato de livro (1948) desse artigo (parte 1 de 1936; parte 2 de 1937) que primeiramente fora publicado na *Revista de Cultura* (cf. Apêndice: Cronologia das obras de Said Ali).

O compêndio VERSIFICAÇÃO PORTUGUESA, ora editado pelo Instituto do Livro, parece-me, não obstante a sua brevidade e concisão, o mais inteligente e incisivo que sobre a matéria já se escreveu no Brasil, senão também em Portugal (Bandeira, 1948: ix).

5. A ACENTUAÇÃO NAS GRAMÁTICAS DE SAID ALI

Entre 1920 e 1923, Said Ali elaborou simultaneamente três gramáticas da língua portuguesa: elementar, secundária e histórica (lexeologia do português histórico / formação de palavra e sintaxe do português histórico). Essas obras revelam uma mesma orientação de pesquisa e, segundo Camara Jr (1972), Said Ali apresenta uma nova sistematização para os fatos gramaticais.

sua fisionomia filológica é a do que hoje chamaríamos um “estruturalista”, vendo na língua uma “estrutura”, ou rede complexa, mas regularmente traçada, de fatos que se relacionam e se opõem em configurações muito nítidas que ao linguista cabe depreender (Camara Jr, 1972: 188).

Para Said Ali, gramática é o conjunto das regras observadas em um ou mais idiomas, relativas aos fonemas, às formas dos vocábulos e à combinação desses em proposições. Dessa forma, a gramática trabalha com operações associativas e combinatórias ao tratar da fonética (sons e suas representações), da lexeologia (vocábulos classificados em categorias), da formação de palavras (derivação e composição) e da sintaxe (proposição constituída por: termos primários – sujeito e predicado; termos integrantes – objetos e complementos; e termos acessórios – determinantes, aposto e anexo predicativo).

A gramática é histórica, quando estuda a evolução dos fatos da língua; é comparativa quando compara duas ou mais línguas de um mesmo tipo, mostrando semelhanças e diferenças; e é descritiva, quando expõe os fatos da língua atual. A gramática descritiva pode ser prática, ao ensinar a falar e a escrever corretamente, e científica, ao esclarecer os fatos da língua pela ciência da linguagem e pela gramática histórica.

Segundo Silva Neto (1955: 110), Said Ali manuseava constantemente, com rigor metodológico, os textos de várias épocas da língua portuguesa. Nessas fontes, recolhia os estados da língua e, a partir das mudanças observadas, analisava o fato linguístico. Para Said Ali, era necessário observar a história do vocábulo e não apenas as mudanças de fonemas decorrentes das leis fonéticas. Diante de duas formas concorrentes, a escolha por uma em detrimento de outra deveria ser explicada por vários fatores, inclusive por fatores psicológicos.

Não dissocio do homem pensante e da sua psicologia as alterações por que passou a linguagem em tantos séculos. É a psicologia elemento essencial e indispensável à investigação de pontos obscuros. As mesmas leis fonéticas seriam inexistentes sem os processos da memória e da analogia. Até o esquecimento, a memória negativa, é factor, e dos mais importantes, na evolução e progressos de qualquer idioma (Said Ali, Lexeologia, 1921: III).

Ao incluir o componente psicológico na análise linguística, Said Ali introduz o indivíduo no ato de comunicação. Faz da língua uma atividade e não um produto, deslocando o foco de análise do fato linguístico para a atividade linguística, na qual o falante escolhe uma determinada forma em detrimento de outra. Said Ali dedicou vários estudos à estilística e à semântica, publicando-os na coletânea *Meios de Expressão e alterações semânticas* (1930) e em diversas revistas (cf. Apêndice: Cronologia das obras de Said Ali).

Boléo (1963: col.1248) considera Said Ali “o maior sintaxista da língua portuguesa” por fazer sintaxe interpretativa em “*moldes modernos*”. No estudo da proposição, Said Ali delimita o campo de análise à dimensão linguística e liberta a sintaxe do domínio da lógica. Os fenômenos de intonação saem dos capítulos iniciais da fonética e são observados na parte da sintaxe que trata da colocação das palavras.

Viaro (2001: 11) reconhece a origem da *Gramática Histórica* em pontos da *Gramática Secundária*. De forma que essas duas obras se completam: enquanto uma busca a explicação na história do fato linguístico, a outra descreve o fato linguístico como ele é usado na língua atual, sendo frequentes as expressões como: “na linguagem corrente de hoje”, “na linguagem de hoje”, “é ainda hoje a forma preferida na linguagem popular”, etc.

A preocupação com a descrição da modalidade oral é recorrente nas duas gramáticas. Quanto ao estudo dos acentos, não só o dinâmico é explorado, mas também o acento musical é analisado tanto nos parágrafos dedicados às frases exclamativas e interrogativas, quanto para mostrar que as interjeições, por exprimirem emoções, são proferidas em tom de voz diferente do utilizado nos vocábulos da linguagem expositiva. As pausas também são estudadas quer na descrição da disposição dos termos na oração quer na composição dos grupos de palavras.

A colocação habitual não se explica satisfatoriamente pela sequência lógica das idéias, porque sendo esta a mesma por toda a parte, varia entretanto a colocação de um idioma para outro.

Parece antes vir fundada na intonação oracional própria de uma língua ou de um grupo de línguas. O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se enuncia primeiro o termo menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte (Said Ali, *Gramática Secundária*, [1923]1969: 198).

Assim como a *Gramática Secundária*, a *Gramática Elementar* é sincrônica. Essas gramáticas diferem apenas quanto à função pedagógica. A *Gramática Elementar* foi escrita para ser usada no ensino primário, de forma que a explicação gramatical é mais concisa e quase sempre vem acompanhada por exercícios de aplicação. Said Ali apresenta 56 atividades gramaticais em que desenvolve tanto a pronúncia, através da solicitação de leitura em voz alta, quanto a escrita, sugerindo inclusive um ditado. Os exercícios são analíticos (identificar, localizar, classificar, determinar e especificar), estruturais (substituir, completar, alterar) e a maioria tem por unidade de análise a oração.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rigor descritivo aliado à sensibilidade em colher exemplos na linguagem cotidiana tornam os textos de Said Ali, ainda hoje, referência obrigatória. Os “Estudos linguísticos” posicionam o autor contrário ao estudo do certo e do errado defendido pelos puristas, à submissão da descrição linguística à critérios filosóficos apregoada pelos adeptos da gramática filosófica e à delimitação do escopo de análise apenas aos textos literários. Para Said Ali, a Linguística observa e interpreta fenômenos linguísticos manifestados na língua principalmente em atos conversacionais. Os

estudos diacrônicos auxiliam na fundamentação de explicações linguísticas de fatos colhidos na linguagem corrente. Dessa forma, o objeto da análise linguística extrapola o texto escrito recuperado pelos filólogos e reconhecido pelos literatos e passa a incluir registros orais. A ênfase dada a fenômenos da oralidade, como na descrição da acentuação, tornam a obra de Said Ali bastante atual. É uma pena que muitos estudos desse linguista não tenham tido continuidade e ainda hoje, passados mais de cinquenta anos, careçam de análise.

Por fim, vale ressaltar que a obra de Said Ali não é um produto isolado e atemporal. Seus estudos, por ele próprio, classificados como linguísticos, refletem uma prática científica que era legítima e contava com o reconhecimento dos intelectuais da época, uma vez que foram publicados em revistas reconhecidas pela comunidade científica e reeditados em diversas coleções. Assim, é preciso reconhecer que a Linguística enquanto campo de estudo foi praticada no Brasil, muito antes de sua institucionalização acadêmica na década de 1960.

APÊNDICE : CRONOLOGIA DAS OBRAS DE SAID ALI

- PLOETZ, Carlos. *Primeiras noções de grammatica franceza*. Tradução do alemão por Manuel Said Ali. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1893.
- Nova grammatica alleman*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1894.
- "Estudos de Linguística - verbos sem sujeito" *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo 1, p.1-46 e p.108-115, jan-mar, 1895. [reeditado em DLP (1908)]
- "Estudos de Linguística - a collocação dos pronomes pessoas na linguagem corrente" *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo 1, p.301-314, jan-mar, 1895. [reeditado em DLP (1908)]
- "Estudos de Linguística - a accentuação segundo publicações recentes" *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo 2, p.165-175, abr-jun, 1895. [reeditado em DLP (1908)]
- "Casimiro de Abreu" In: ABREU, Casimiro de. *Obras completas de Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1895. [nota biográfica]
- O ensino secundário na Europa*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896. [relatório]
- "Metodologia e ensino" *Revista do Pedagogium*, maio, 1896.
- "Os exames de madureza na Allemaha" *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo 6, p.85-94, abr-jun, 1896.
- "Gonçalves Dias" In: DIAS, Gonçalves. *Poesias de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1896. [nota biográfica]
- "Castro Alves" In: ALVES, Castro. *Obras completas de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898. [nota biográfica]
- "Questões Orthographicas" *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo 13, p.148-162, jan-mar, 1898.
- KÜHN, Carlos. *Nova Seleta Francesa por Carlos Kühn*. Notas, adaptação ao português e uma notícia sobre o ensino por Manuel Said Ali. Rio de Janeiro, s/ed, 1898.
- HAUSKNECHT, Emilio. *The English Student (O estudante inglês). Método prático e natural para o estudo de lingua inglesa*. Tradução e adaptação ao português por Manuel Said Ali. Rio de Janeiro: s/ed, 1898.
- "Prefácio" In: PEREIRA, Leopoldo da Silva. *Sintaxe da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898.
- Vocabulario orthographico precedido das regras concernentes as principaes difficuldades orthographicas da nossa lingua*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905.
- Compendio de Geographia Elementar*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905.
- Difficuldades da Lingua Portuguesa: estudos e observações*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1908.
- "Questões de Português" [resenha de *O problema da colocação dos pronomes* de Cândido Figueiredo]. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, nº1, p.175-189, jan, 1911 e nº4, p.152-168, abr, 1911 e reproduzido em *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1949.
- "Correções injustas" [todo e todo o] *Anuario do Colegio Pedro II*, Rio de Janeiro, vol.1, p.267-276, 1914. [reeditado em DLP (1919)]
- "O purismo e o progresso da lingua portuguesa" Biblioteca Nacional, 1914. [conferência editado em DLP (1919)]
- Difficuldades da Lingua Portuguesa: estudos e observações*. Rio de Janeiro: Besnard Freres, 1919. [2ª edição aumentada]

- "Proposital e propositado" *Anuario do Colegio Pedro II*, vol.4, p. 25-33, 1919-1920. [reeditado em MEAS (1930)]
- "Emprego do gerúndio" *Revista de Lingua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 4, p.37-43, mar, 1920. [reeditado em IF (1975)]
- "Verbos transitivos e intransitivos" *Revista de Lingua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 11, p.61-72, mai, 1921.
- Lexeologia do Portuguez Historico*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.
- Formação de Palavras e Syntaxe do Portuguez Historico*. São Paulo: Melhoramentos, 1923.
- Grammatica Secundaria da Lingua Portuguesa* São Paulo: Melhoramentos. [1923]
- Grammatica Elementar da Lingua Portuguesa* São Paulo: Melhoramentos. [1923]
- "Montar, remontar" *Revista de Filologia Portuguesa*, São Paulo, nº13, p. 13-19, jan,1925. [reeditado em MEAS (1930)]
- "Nomes de animais marinhos" *Revista de Filologia Portuguesa*, São Paulo, nº 54, p.5-20, jul, 1928. [reeditado em IF (1975)]
- "Interjeições" *Revista de Lingua Portuguesa*, Rio de Janeiro, nº 55, p.5-26, set, 1928. [reeditado em MEAS (1930)]
- Meios de Expressão e Alterações Semanticas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.
- Grammatica Historica da Lingua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. [pref. de 1931]
- "Nomes de cores" *Revista de Philologia e de Historia*, Rio de Janeiro, tomo 1, fasc.2, p.143-164, 1931. [reeditado em IF (1975)]
- "A linda Inês" *Revista de Philologia e de Historia*, tomo2, fasc.1, p. 5-16, 1932 e reproduzido em *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.36, fasc.215-216, p.219-226, nov-dez, 1944. [reeditado em IF (1975)]
- "Notas e comentários" [alhambra / a olhos vistos / calão / cigano / alagar / perguntar] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol. 12, fasc.72, p.241-251, dez, 1932. [reeditado em IF (1975)]
- "O verbo assistir" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.13, fasc.74, p.100-107, fev, 1933. [reeditado em IF (1975)]
- "Coronel" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.13, fasc.76, p.226-232, abr, 1933. [reeditado em *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1949 e IF (1975)]
- "Refeições" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.13, fasc.78, p.281-288, jun, 1933. [reeditado em IF (1975)]
- "Perspectivas etymologicas" [elemento, manteiga, doido, louco, maluco, bruxa] *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p.4, 10 de dezembro de 1933; reproduzido em *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.15, fasc.85, p.12-20, jan, 1934. [reeditado em IF (1975)]
- "Curiosidades do nosso idioma" [porcentagem, percentagem / registro, registo / ... em questão / impetrar / apontar / olhar] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol. 18, fasc.105, p.116-128, set, 1935. [reeditado em IF (1975)]
- "Curiosidades do nosso idioma" [verbos translativos / tornar e sinônimos / dirigir, dirigir-se / cumprir com] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol. 18, fasc.107-108, p.231-241, nov-dez, 1935. [reeditado em IF (1975)]
- "Versificação Portuguesa I" [classificação dos versos / contagem das sílabas / ritmo / sílabas fortes e sílabas fracas / limites do verso / verso de três sílabas / verso de quatro sílabas] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.20, fasc.118, p. 181-195, out, 1936. [reeditado em VP (1948)]
- "Versificação Portuguesa II" [verso de cinco sílabas / verso de seis sílabas / verso de sete sílabas / verso de oito sílabas / verso de nove sílabas verso de dez sílabas / verso de onze sílabas / dodecassílabo / verso alexandrino / rima / verso sem rima e versos soltos / estrofes] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.22, f.128, p. 94-122, ago, 1937. [reeditado em VP (1948)]
- "Versificação Portuguesa" [errata] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.22, fasc.129, p.199-200, set, 1937.
- "De eu e tu a majestade" [tratamentos de familiaridade e reverência] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.22, fasc.129, p.137-151, set, 1937. [reeditado em IF (1975)]
- "Entre árabe e português" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.22, fasc.131-132, p.293-303, nov-dez, 1937. [reeditado em IF (1975)]
- "As formas 'quer' e 'perguntar' e emendas" *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 5, 7 de agosto de 1938; reproduzido em *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.24, fasc.141, p.171-176, set, 1938. [reeditado em IF (1975)]
- "Ilhas e mares nos Lusíadas" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.25, fasc.145, p. 43-51, jan, 1939. [reeditado em IF (1975)]
- "Ilhas e mares nos Lusíadas" [retificações] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.25, fasc.146, p.128, fev, 1939.

- "Verbos de significação e sintaxe variáveis" [começar / começar, continuar, acabar, correr] *Boletim de Filologia*, Lisboa, tomo 6, p.35-46, 1940; reproduzido em *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.30, fasc.175, p.5-10, jul, 1941 e vol.30, fasc.176, p.111-115, ago, 1941 e reproduzido em *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1949. [reeditado em IF (1975)]
- "Aguar e outros verbos terminados em -uar" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.28, fasc.164-166, p.89-93, ago-out, 1940. [reeditado em IF (1975)]
- "Geschichte Russlands de Erdmann Hanisch em 2 volumes" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.31, fasc.181, p.63, jan, 1942. [nota bibliográfica]
- "Acentuação latina nas combinações com enclítico" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.34, fasc.199, p.22-24, jul, 1943. [reeditado em AVL (1956)]
- "Vocábulos esquecidos" [avache / trama] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.34, fasc.200, p.53-55, ago, 1943. [reeditado em IF (1975)]
- "Versificação latina" [I - quantidade e acento] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.34, fasc.200, p.82-85, ago, 1943. [reeditado em AVL (1956)]
- "Versificação latina" [II - sílabas acentuadas] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.34, fasc.202, p.197-199, out, 1943. [reeditado em AVL (1956)]
- "De falir a faltar" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.35, fasc.205, p.5-11, jan, 1944. [reeditado em IF (1975)]
- "Versificação latina" [III - odes sáficas e alcaica] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.35, fasc.207, p.111-115, mar, 1944. [reeditado em AVL (1956)]
- "Nomes de cores" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.36, fasc.211, p.5-14, jul, 1944 e vol.36, fasc.212, p.65-71, ago, 1944. [reeditado em IF (1975)]
- "Nomes de animais marinhos" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.36, fasc.213, p.117-124, set, 1944 e vol.36, fasc.214, p.192-194, out, 1944. [reeditado em IF (1975)]
- "Nomes próprios geográficos" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.37, fasc.217, p.7-10, jan, 1945 e vol.37, fasc.218, p.68-76, fev, 1945 e vol.37, fasc.219, p.132-136, mar, 1945 e vol.37, fasc.220-221, p.176-182, abr-mai, 1945. [reeditado em DLP(1919)]
- "O futuro" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol. 37, fasc.220-221, p.186-192, abr-mai, 1945. [reeditado em DLP(1919)]
- "Versificação latina" [IV - o hexâmetro] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.37, fasc.222, p.201-209, jun, 1945. [reeditado em AVL (1956)]
- "Os vocábulos" [espécies, formas e significação] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.38, fasc.223, p.29-51, jul, 1945.
- "Todo o Brasil e todo Portugal" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.38, fasc.224-228, p.53-62, ago-dez, 1945. [reeditado em DLP(1919)]
- "Bicho, bicha" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.39, fasc.229, p. 41-45, jan, 1946. [reeditado em IF (1975)]
- "Prosa e verso" *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.39, fasc.230-234, p.153-160, fev-jun, 1946. e reproduzido em *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p.5, 29 de agosto de 1948. [reeditado em IF (1975)]
- "Três preposições" [pera, para / per / por] *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, vol.40, fasc.235, p.5-10, jul, 1946 e reproduzido em *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de março de 1949. [reeditado em IF (1975)]
- "Três sapecas" *Humanidades – revista de ensino do segundo grau*, Rio de Janeiro, nº4, fev, 1947. [reeditado em IF (1975)]
- "Curiosidades do nosso idioma" *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1948.
- "Curiosidades do nosso idioma" *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1948.
- "Investigações Filológicas 1" *Revista Philologica*. Rio de Janeiro, da *Academia Brasileira de Filologia* [reeditado em DLP(1919)]
- "Investigações Filológicas 2" *Revista Philologica da Academia Brasileira de Filologia* [reeditado em DLP(1919)]
- Versificação portuguesa*. Edição comentada e prefaciada por Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1948.
- "Nomes das partes do corpo" *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1949; 24 de janeiro de 1949. [reeditado em IF (1975)]
- "Histórico das formas 'quer', 'vale' e 'perguntar'" *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1949. [reeditado em IF (1975)]
- "Pessoas indeterminadas" *Boletim de Filologia*, Lisboa, tomo 11, p.108-114, 1950.
- "Há dias que" *Studia – Congregação do Colégio Pedro II*, Rio de Janeiro, nº2, p.33-41, dez, 1951.
- Acentuação e versificação latinas: observações e estudos*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1956.
- Investigações filológicas*. Edição comentada e prefaciada por Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Grifo / Instituto Nacional do Livro, 1975.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ali, Manuel Said (1895a): "Estudos de Linguística - verbos sem sujeito segundo publicações recentes", *Revista Brasileira* 1, jan-mar, 1-46 e 108-115.
- Ali, Manuel Said (1895b): "Estudos de Linguística - a collocação dos pronomes pessoais na linguagem corrente", *Revista Brasileira* 1, jan-mar, 301-314.
- Ali, Manuel Said (1895c): "Estudos de Linguística - a accentuação segundo publicações recentes", *Revista Brasileira* 2, jan-mar, 301-314.
- Ali, Manuel Said (1919/1957⁵): *Dificuldades da Língua Portuguesa: estudos e observações*, 5ª ed. prefaciada por Serafim da Silva Neto; estabelecimento do texto, revisão, notas e índices por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- Ali, Manuel Said (1923¹): *Grammatica Elementar da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- Ali, Manuel Said (1923⁸): *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 8ª ed. revista e comentada de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira por Evanildo Bechara, São Paulo, Melhoramentos, 1969.
- Ali, Manuel Said (1931/2001⁸): *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 8ª ed. rev. e atual. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Melhoramentos.
- Ali, Manuel Said (1936): "Versificação Portuguesa" [classificação dos versos / contagem das sílabas / ritmo / sílabas fortes e sílabas fracas / limites do verso / verso de três sílabas / verso de quatro sílabas], *Revista de Cultura* 20, fasc. 118, 181-195.
- Bandeira, Manuel (1948): "Prefácio", in Manuel Said Ali, *Versificação Portuguesa*. Ed. prefaciada por Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, ix-xii.
- Boléo, Manuel de Paiva (1963): "ALI (Manuel Said)", *VERBO. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* 1, coluna 1248. Lisboa: Verbo.
- Camara Jr, Joaquim Mattoso (1972): "Said Ali e a língua portuguesa", in *Dispersos*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 185-189.
- Camara Jr, Joaquim Mattoso (1975⁶): *História da Linguística*. Trad. de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Vozes.
- Coelho, Francisco Adolfo (1881/1887²): *A Língua Portuguesa*. Porto: Magalhães e Moniz.
- Coelho, Olga Ferreira (1998): *Serafim da Silva Neto (1917-1960) e a Filologia Brasileira. Um ensaio historiográfico sobre o papel da liderança na articulação de um paradigma em Ciência da Linguagem*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Coelho, Olga Ferreira (1999): "Filologia e linguística no Brasil (1940-1960): o ponto de vista filológico", *Historiografia da Linguística Brasileira* III, 37-60.
- Ferreira Netto, Waldemar (2007): "O acento na língua portuguesa", in Gabriel Antunes de Araújo (org.), *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 21-36.
- Koerner, Ernest Frideryk Konrad (1997): "Linguística e Filologia: o eterno debate" *Filologia e Linguística Portuguesa* 1, 7-20.
- Murray, Stephen (1994): *Theory groups and the study of language in North America: a social history*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Naro, Anthony Julius (1976): *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Silva Neto, Serafim da (1955): "Manuel Said Ali", *Revista Brasileira de Filologia* 1/1, 109-112.